

Livia Maria de Freitas Reis Teixeira

Memorial

Concurso de ascensão à classe E, Professor Titular

Instituto de Letras

UFF

2015

A hora de viver é um ininterrupto lento rangido de portas que se abrem
continuamente de par em par.
Clarice Lispector

Para a linhagem de professores que me antecederam:

minha avó,

meu pai,

minha mãe

e Magnólia.

Sumário

1 - Prólogo

- 1.1 - O princípio - O Centro Educacional de Niterói
- 1.2 – A Universidade Federal do Rio de Janeiro
- 1.3 – A Inglaterra
- 1.4 – De volta à UFRJ - Mestrado
- 1.5 – De volta para o mundo

2 - Professora Universitária - a Universidade Federal Fluminense

- 2.1- ensino e doutorado
- 2.2- pesquisa
- 2.3- formação de mestres e doutores
- 2.4- produção relevante

3 - A gestora

- 3.1- Instituto de Letras e Editora da UFF
- 3.2- Diretoria de Relações Internacionais e PULE (extensão)

4 - Uma história que não acabou

1 - Prólogo

A decisão de apresentar-me para o Concurso de Ascensão à classe E, Professor Titular, não foi fácil. A esta altura, já não acreditava que esse concurso existiria algum dia. Em 23 anos de trabalho na UFF, a rotina diária sequer me permitia o tempo necessário para a preparação que requer um concurso desta natureza. Conhecer bem minha Universidade, como professora da graduação e da pós-graduação, como ex-Diretora do Instituto de Letras e da Editora da UFF e atual Superintendente de Relações Internacionais, foram as razões fortes que pesaram em minha decisão, e cá estou, frente à Comissão para demonstrar, através de meu Curriculum vitae e deste Memorial, meu desejo de ser Professora Titular desta Universidade, em que construí toda minha vida acadêmica.

Escrever o Memorial que servirá como objeto de avaliação em um Concurso para Titular, com certeza é uma tarefa árdua. Por outro lado, chegar até aqui, ter que revisitar os escaninhos e os espaços da memória, repassar a própria vida acadêmica, que se mistura com a vida pessoal, com as escolhas profissionais, com os afetos, com os amigos, influências na vida e nas posturas teóricas, tudo isso nos transmite uma estranha sensação de vida vivida, de muito trabalho realizado e tantos ainda na fila de espera e, sem dúvida, uma sensação de balanço da vida e da carreira. Eis os motivos para tanta dificuldade de começar a colocar no papel o que realmente importa.

Trabalhar com escritos da memória tem sido tarefa cotidiana na vida acadêmica, na qual os textos de literatura-testemunho, autoficção, autobiografia e outras modalidades de narrativas fazem parte de nossos cursos, de nossas pesquisas, no vasto universo da literatura pelo qual temos transitado ao longo dos anos. Os lugares da memória sempre são permeados por escolhas sobre o lembrar e o esquecer, sobre o que contar, e que história construir. O Memorial de concurso é uma modalidade da escrita de si e, sair do campo do teórico e entrar no Memorial de nossa própria vida acadêmica é a tarefa que se impõe. Vamos a ela!

Antes de começar, vale um esclarecimento. Vou utilizar, naturalmente, a primeira pessoa do singular na maior parte do relato. No entanto, na minha vida acadêmica, muitas vezes o trabalho e seus desdobramentos são resultado do trabalho de equipe sem a qual, nada teria acontecido. Portanto, a oscilação entre as primeiras pessoas do plural e do singular é intencional.

1.2 - O Princípio - Centro Educacional de Niterói

Esta história começa muito antes, nos bancos escolares do Centro Educacional de Niterói, quando decidi ser professora. Aquela escola moderna e experimental incentivava a autonomia e a criatividade de seus alunos. Seguidora de um projeto pedagógico liberal, em tempos de ditadura, marcou a minha vida e minhas escolhas e deixou marcas em minha formação, que trago comigo, como cidadã e professora. Desde o primeiro dia em que pisei na escola, entendi que ali era o meu lugar, mas não sabia ainda, que a menina que entrava naquela bela escola, em 1965, sairia dali uma mulher, cheia de sonhos e atitudes. Sem dúvida, o que mais me marcou e ajudou a traçar a pessoa na qual me tornaria, foi o convívio com um grupo de educadores, de alto nível, que formava o corpo docente da escola, em sua maioria, com formação de esquerda, muitos deles cassados de seus cargos de professores em escolas ou universidades públicas, nas quais a ditadura já começava a caçar as cabeças, a prender e, sobretudo, a tirar os empregos. Outros, mais jovens, recém-saídos da universidade, ainda cheios de sonhos, quase se confundiam com seus alunos.

Os anos de curso médio e depois o antigo clássico moldaram o saber e os valores básicos que permanecem em mim até hoje. Aprendi a pensar de forma autônoma, a pesquisar, a escrever e, sobretudo a ler. Aprendi a contestar e também a ouvir. As horas semanais obrigatórias na biblioteca, que muitas vezes, aos olhos infantis se confundiam com perda de tempo, sob a orientação da querida professora de Português, se transformaram, no momento em que fui apresentada aos clássicos da literatura universal, e por eles me apaixonei. Claro que tudo isso estava ainda muito longe do projeto de estudar Letras, que veio depois, já no Curso Clássico.

Aos alunos com vocação para as ciências humanas, o Centro lhes oferecia uma formação completa, que incluía, por exemplo, três tipos diferentes de aulas de Português: uma dedicada ao ensino normativo da língua, a que chamávamos aulas de gramática, outro de Linguística, quando comecei a ler Saussure, Matoso Câmara, Jakobson, e o terceiro, de que eu mais gostava, de Literatura Brasileira. Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade foram os que mais me impactaram naquele momento. *Memórias Póstumas de Brás Cuba* me parecia atual e moderno, enquanto a *Rosa do Povo*, traduzia poeticamente um tipo de sentimento que eu ainda não sabia como definir. Tínhamos aulas de Francês, Inglês e Espanhol. Na língua de Cervantes, que depois se tornaria minha inspiração e meu trabalho, foi Garcia Lorca e o seu *Romancero Gitano* que me seduziram, e mais uma vez, ajudada pela professora de Espanhol, minha querida Magnólia, que já era meu modelo de professora desde os tempos do ginásio, como professora de Português. Zola, Baudelaire, Shakespeare, Foster, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa e tantos outros entravam na minha vida, através do olhar e da sensibilidade daqueles extraordinários mestres.

Também tínhamos aulas de Geografia, História Geral e do Brasil, Artes, Apreciação Estética, Teatro, Filosofia, Latim... e ainda sobrava tempo para brincar, praticar esportes, dançar e namorar.

Sem dúvida, a escola em que estudei e as oportunidades que me foram oferecidas marcaram a minha adolescência e ajudaram a forjar a jovem professora, que ainda como aluna do último ano do Curso Clássico, às vésperas do vestibular, debutou como professora de recuperação de Linguística, para os alunos fracos da minha mesma série e de séries

inferiores. Aquele convite, para atuar como professora estagiária, marcou minha escolha e prestei vestibular para Letras na UFRJ, Português-Literaturas.

1.3 - A Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Nasci e cresci em Niterói, meu pai, minha mãe e minha avó foram professores. Meu pai, professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, professor de História, foi um dos fundadores da UFF. Por que ir estudar na UFRJ, se a UFF estava na esquina de casa? Exatamente porque precisava sair e conhecer o mundo e o Rio de Janeiro, para uma jovem sonhadora de Niterói, foi a primeira escala para o mundo.

Nos corredores do velho Pavilhão Lusitano¹, na avenida Chile, no centro do Rio, em 1973, depois de vencidas as dificuldades do vestibular, em plena ditadura, me tornei estudante do Curso de Letras da UFRJ. Embora estivesse matriculada no curso de Português-Literaturas, o que me arrebatou naqueles anos foi a Literatura Hispano-Americana. O terremoto mundial que se traduziu no campo literário, a partir da inovação da linguagem literária, que surgia quase simultaneamente em diferentes lugares do subcontinente, concretizado na escrita de jovens, como o peruano Mario Vargas Llosa, o argentino Julio Cortázar, o colombiano Gabriel García Márquez, e o mexicano Carlos Fuentes, apenas para citar alguns, me trouxeram a certeza de minha opção. Poucos anos antes de minha entrada na Universidade, nos anos de 1967 e 1968 foram lançados os livros que trariam uma onda que fez com que a literatura Hispano-Americana passasse a ser lida não apenas no próprio continente, fato também inédito, mas que se transformasse em um fenômeno literário sem precedentes, que se espalhou pelo mundo inteiro, fenômeno que, posteriormente, seria batizado com o nome de boom da Literatura Hispano-Americana. Em 1967, Gabriel García Márquez lançaria

1- O prédio, que por décadas abrigou a Faculdade de Letras da UFRJ, havia sido o Pavilhão Lusitano na exposição de Portugal no Rio de Janeiro. Em uma instalação improvisada, a Faculdade de Letras esteve instalada desde 1968 até sua mudança para o Campus do Fundão, em 1985.

Cem anos de solidão, obra emblemática, que impulsionou de forma definitiva a literatura produzida ao sul do Equador.

A narrativa dos anos 60 propunha opções utópicas e construiu uma imagem também utópica da América. Utopia do desenvolvimento auto-suficiente, do socialismo e da revolução, da vontade histórica de desenvolvimento. Um universo autossustentável e desenvolvido. Território de pertencimento e de valores solidários. A literatura que reivindicou voz e ação contra as ditaduras, contra o capitalismo e a construção de um espaço utópico ideal. Com Cortázar, García Márquez, Rulfo, Fuentes, Donoso, Vargas Llosa e muitos outros, a literatura assumiu o papel de instrumento da ação naquela construção.

Outros motivos ajudaram a consolidar meus estudos e paixão pela Literatura Hispano-Americana: fui convidada, junto com o meu amigo André Trouche, para ser monitora da professora titular de Literatura Hispano-Americana, Bella Josef. Esse trabalho fez com que me dedicasse com afinco à leitura dos textos que tanto me emocionaram, os quais tínhamos muita dificuldade para conseguir. A segunda razão é um exemplo de como o pessoal se mistura ao profissional: meu sogro, à época, trabalhava na Organização Mundial da Saúde, órgão ligado à ONU, com atuação na América Hispânica, e este fato me proporcionou as primeiras viagens de conhecimento e encantamento com o continente, e o acesso a livrarias, nas quais pude comprar muitos dos mais importantes romances hispano-americanos que até hoje, um pouco amarelados, frequentam minha estante.

Os anos de UFRJ e as dificuldades da política daquele tempo, colaboraram para forjar amizades e parcerias intelectuais que duram até hoje. Tive a sorte de ser aluna de Marlene de Castro Correa e Samira Mesquita, em Literatura Brasileira, de Margarida Alves Ferreira e Jorge Fernandes da Silveira, em Literatura Portuguesa, Ligia Vassalo, em Teoria da Literatura, e muitos outros. O convívio diário, o diálogo intelectual, a cumplicidade que construímos nos ajudou a enfrentar a frágil situação política da Faculdade de Letras e as dificuldades impostas pela ditadura. As adversidades nos uniram, e aquele grupo de alunos da turma LEA, e seus queridos professores, ainda acreditavam que podiam ajudar a mudar o mundo.

Na UFRJ e em todas as universidades do país, os Diretórios Acadêmicos estavam fechados por lei. A única forma de expressão estudantil era através da arte, que driblava a ditadura. Na Faculdade de Letras da Avenida Chile, fundamos o Seminário Mário de Andrade que, como diz o nome, presta homenagem ao nosso escritor modernista. O SEMA (Seminário Mário de Andrade) tinha existência informal como grêmio cultural e literário. O nome do autor de *Macunaíma* evocava a liberdade de expressão e a criatividade, no momento suspensas e sob controle. Naqueles anos, a censura era absoluta. Na Universidade havia um índice, no estilo da Inquisição, que limitava as obras que poderiam ou não ser lidas no Curso de Letras.

Em uma pequena salinha envidraçada, no subsolo do Pavilhão Lusitano, nos reuníamos, discutíamos política e poesia, organizávamos greves contra a comida do restaurante e mantínhamos viva, por tênue que fosse, a chama da política e das rebeliões estudantis. O espaço da arte e o espaço da política, juntos como em comunhão.

A correria entre as muitas salas de aulas de diferentes escolas em que eu já lecionava, todas em Niterói, e a vida universitária na UFRJ, na Avenida Chile, as reuniões de estudos na casa de Cecília Viveiros de Castro, as reuniões políticas no SEMA e o namorado em Santa Teresa me transformavam em uma leitora voraz, nas muitas horas em que passava na barca, na travessia Rio–Niterói.

1.4 - A Inglaterra

Os anos de Faculdade passaram rápido, e eu não estava presente a minha formatura de Bacharel e Licenciada em Letras. Em dezembro de 1976, viajei para a Inglaterra para fazer Mestrado. Com a ajuda de uma carta de apresentação da Professora Bella Josef, fui aceita no Programa Romance Languages and Literatures, do King's College, em Londres, sob a orientação do professor Jason Wilson. Na fria e bela ilha do norte fiz dois cursos que me davam os créditos necessários para o Mestrado, e dividia o tempo com muitas aulas de Português para estrangeiros. Naquela época, fim dos anos 70, época do dito “milagre brasileiro”, sob a ditadura protecionista dos

militares, o país, timidamente, começava a se abrir e muitas empresas inglesas atuavam no Brasil. Eu dava aulas para os executivos e suas famílias, antes de viajarem para morar em nosso país. A vida não era fácil. Nada correspondia ao que meu imaginário havia forjado nos mais remotos sonhos. Não tínhamos um quarto romântico, com teto de vidro dos artistas do século 19, mas a experiência era incomparável e se tornou inesquecível.

Creio que por essa época, além da minha já assumida paixão pela Literatura Hispano- Americana, começou a se formar o meu sentido de latino-americanidade ou latino-americanismo. No Brasil somos, antes de mais nada, brasileiros. Nunca nos ensinaram a pensar como pertencentes a um grupo mais amplo, mais heterogêneo, ao qual também pertencemos, que é a América Latina. Nunca tivemos nenhum sentimento de pertencimento à América Latina. Na Inglaterra tudo mudou. Nós, os brasileiros, vivíamos dentro da comunidade de latino-americanos, entre argentinos, chilenos, venezuelanos colombianos, uruguaios. Naquele lugar e naquele momento, nossas identidades nos uniam muito mais que nossas diferenças. E, com exceção dos venezuelanos, naquela época, todos vínhamos de países que viviam o pesadelo das ditaduras. Esse aspecto, junto com o estudo da Literatura Hispano-Americana, foram essenciais para a formação da professora que me tornei e das pesquisas às quais me dediquei.

Em junho de 1998, em Reading, Inglaterra, nasceu meu primeiro filho, Bernardo. Até o último dia antes do nascimento dei aulas e frequentei as classes no King's College, mas a opção pelo bebê, me afastou do diploma de mestre. Não foi possível fazer a dissertação. Mas a opção me deixou tranquila, voltei para o Brasil dois anos depois, falando bem inglês, com uma nova visão do mundo e da literatura que aqueles anos me deram, e com um pequeno bebê ao colo.

1.5 - De volta à UFRJ - Mestrado

Voltar para o Mestrado foi a primeira urgência na volta ao Brasil. As opções eram: Literatura Brasileira, com Marlene Correa, na UFF ou em Literaturas Hispânicas, com a Bella Josef, na UFRJ. Depois de muita angústia e dúvida, fiquei com o mundo hispânico, pois afinal, era o que eu já

vinha fazendo desde os tempos de graduação, como monitora, e no mestrado no King's College. Curiosamente, no Brasil, tanto a UFF quanto a UFRJ não aceitaram nenhum crédito obtido na Inglaterra. Desta forma, três anos depois, exame de ingresso concluído, cá estava eu outra vez na Faculdade de Letras da UFRJ, com antigos colegas e meu fiel amigo André, estudando, novamente, na Avenida Chile. Naquele tempo, o Mestrado tinha uma importância que foi desaparecendo, com a consolidação da pós-graduação no Brasil e a criação dos cursos de Doutorado. Na década de 70, o Mestrado era a titulação máxima para muitas carreiras cujos cursos de Doutorado começavam a surgir.

No trabalho, iniciado na Inglaterra e terminado no Brasil, estudei o fenômeno da presença de ditadores da Literatura Hispano-Americana. Trabalhei com vários romances que tematizam a constante presença dos ditadores na literatura de nosso continente: *El señor presidente*, de Miguel Ángel Asturias, *El recurso del método*, de Alejo Carpentier e *Otoño del patriarca*, de Gabriel García Marquez, e *Yo el Supremo*, de Roa Bastos, no corpus principal de análise.

O que hoje pode parecer estranho, estudar os ditadores vivendo em uma ditadura, na época me pareceu que era a forma de me expressar contra o estado de coisas em que vivíamos no Brasil. A Dissertação não abordava o Brasil, nem a Literatura Brasileira mas, através do olhar crítico, pude me distanciar para observar esse continente e, através dele, pensar também o nosso país. O trabalho me entusiasmou muito, e o tema, hoje bastante estudado, naquela época era bem original, além de corajoso para o momento. Voltei para o Brasil, fiz o Mestrado, nasceu minha flor Barbara, e escrevi a dissertação, bem ao meu estilo: tudo ao mesmo tempo.

O Mestrado me tornou pesquisadora, me ensinou a escrever textos acadêmicos, mas os empregos continuavam sem muitas perspectivas, muitas escolas, traduções, trabalhos variados, nada de muita relevância: o milagre brasileiro ainda não tinha chegado para mim, quando de novo surge uma oportunidade de sair do Brasil, desta vez seria por oito anos e com duas crianças pequenas.

1.6 - De volta para o mundo

Trabalhei como professora de Português, de Espanhol e de Literaturas Hispânicas, em diferentes escolas e países. Fiz traduções, fui intérprete, mas nunca perdi a convicção de que estava no caminho certo, as escolhas pessoais, profissionais e acadêmicas eram acertadas e que ser professora de literatura era a minha maneira de contribuir para a formação de novas gerações de jovens cidadãos, onde quer que eu estivesse.

O ensino da literatura, o direito à leitura e o mundo que a América Latina apresentava aos jovens de diferentes latitudes foram o meu ofício e companhia acadêmica durante esses anos errantes. As muitas mudanças de países, a diversidade da vida e das culturas em cada um deles, e o crescimento das crianças fizeram com que o caminho natural, o Doutorado, fosse adiado por muitos anos.

A vida fora do Brasil, mesmo que por opção, é sempre difícil, mas sem dúvida, nos enriquece e, sem que possamos perceber, estamos mais abertos às opções das margens e às diferenças culturais. Este tipo de prática cotidiana na qual temos que nos explicar, culturalmente, e nos esforçar para compreender o outro, trazem um aprendizado que passa a fazer parte na nossa visão e da nossa leitura do mundo. Sair do pensamento teórico sobre alteridade e heterogeneidade cultural para a prática da alteridade, exige muito mais tempo do que leitura.

2 - Professora Universitária - a Universidade Federal Fluminense

Na segunda parte deste relato chegamos, finalmente, a minha vida de professora universitária, pesquisadora e formadora de professores. Nesta parte, como na anterior, fica muito claro que a vida acadêmica e a vida pessoal são duas faces de uma mesma trajetória. Minha volta ao Brasil e minha vida na UFF definiram o que fiz e o que sou hoje.

2.1 - Ensino e Doutorado

Em 1991, voltei para o Brasil e recuperei uma parte de minha vida que havia ficado para trás, fiz concurso para a Universidade Federal Fluminense, onde estou até hoje. Ao entrar para a UFF, de certa maneira estava resgatando a minha história pessoal e fazendo as pazes com meu pai, ao trabalhar na Universidade que ele amou e à qual se dedicou por toda sua vida.

A esta altura, o Brasil já tinha recuperado o *status* de país livre, e depois de tanto tempo, já éramos uma democracia plena, ainda que em processo de amadurecimento. Para mim, este ano marca minha volta à universidade, que havia abandonado desde o fim do Mestrado. Nos anos em que estive fora do Brasil, trabalhei em muitos lugares, tive a sorte de sempre ser professora, mas nunca em uma universidade. A UFF, universidade na qual há muitos anos eu tinha decidido não estudar, me recebeu de braços abertos, como quem recebe um filho que retorna. Ou seja, retornei ao lugar onde nunca tinha estado, mas onde, sem o saber, sempre estive. Mesmo com a forte presença da UFF na minha família, ao longo de toda minha vida, eu não percebi, que esta Universidade estava em mim, de uma forma inimaginável.

Fiz concurso para Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas e, desde o início, tive que estudar bastante para superar as dificuldades que as novas disciplinas apresentavam. Por outro lado, foi um momento de muitos encontros e reencontros. Tive a sorte de fazer parte de uma equipe que me acolheu e me ensinou muito. Além dos predicados acadêmicos, construímos um forte elo afetivo que nos impulsionava e nos motivava como professores, pesquisadores e amigos. Junto com Magnólia Brasil Barbosa do Nascimento, que tinha sido minha professora desde os tempos do Centro Educacional, pessoa que me havia ensinado a ler García Lorca e Nicolás Guillén, André Trouche, meu amigo de infância, de colégio e de Faculdade, e Marcia Paraquett, minha nova companheira, aqueles primeiros anos de trabalho na UFF foram os melhores e os mais produtivos que vivi, o que pode ser facilmente comprovado nos documentos que acompanham este Memorial.

Viajávamos para congressos, estudávamos, líamos os textos uns dos outros e nos criticávamos, tudo dentro de um clima de amizade verdadeira e

de respeito mútuo. A alegria de estar juntos, de trabalhar em equipe foi nosso principal ganho. Fomos felizes e o sabíamos.

Nesta volta, que foi definitiva, a urgência era retomar o Doutorado, que havia ficado para trás, perdido em meio às viagens e mudanças. Em abril de 92, assinei o contrato com a UFF e no segundo semestre, junto com Magnólia e Marcia, já estávamos matriculadas no Doutorado em Literaturas Hispânicas na USP. O convívio com minhas amigas e companheiras de trabalho nas viagens de ônibus, semanais a São Paulo, nos proporcionou mais coesão como equipe, cumplicidade no trabalho e aprofundamento dos laços afetivos. O mais interessante era o fato de que toda a equipe fazia doutorado, praticamente, ao mesmo tempo. No início dos anos 90, o professor Silvano Santiago, Coordenador do Programa de Pós-graduação em letras da UFF, já havia incentivado todos os colegas a fazerem Doutorado, para podermos criar a área de estudos hispânicos dentro do programa.

Em 1997, ou seja, 5 anos após minha entrada na UFF, concluí o Doutorado na USP, sob a orientação da profa. Lidia Negme Echevarría, com a tese *Contar-contar-se, história, ficção e autobiografia na obra de Isabel Allende*. Mais uma vez, os temas que me interessavam pesquisar se aproximavam da produção das margens, neste caso, a literatura de autoria feminina e da história, como contexto intrínseco às criações do imaginário.

Todas terminamos o Doutorado mais ou menos na mesma época e, em 1998, eu ministrei o primeiro curso oferecido na área de Literaturas Hispânicas na UFF, sobre literatura de testemunho. O Doutorado na USP, além do título pela prestigiada universidade paulista, trouxe novas relações acadêmicas e pessoais. Para obter os créditos fiz dois cursos: um sobre narrativa espanhola do pós-guerra, com a professora Valéria de Marco e outro sobre o Modernismo brasileiro, com o professor Alfredo Bosi. A USP contribuiu para abrir o leque de relações acadêmicas para além do Rio de Janeiro, e as novas parcerias, em São Paulo, foram fundamentais para a inserção da equipe de estudos hispânicos da UFF em um cenário nacional, mais amplo.

O setor de Espanhol na UFF, que além de André Trouche, Magnólia Nascimento, Marcia Paraquett e eu, também contava com Lygia Peres, Suely

Reis, Célia Regina Mattos e Lídia Santos, naquele momento se tornou uma referência na área de estudos hispânicos no Brasil. Nas aulas da graduação, com os alunos da licenciatura, nosso trabalho estava principalmente voltado para a área de formação de professores de espanhol. Promovíamos eventos, jornadas de trabalho e seminários, sempre voltados para os professores em formação e os da rede pública e privada de Niterói. Os anos 90 marcam um grande *boom* no ensino do Espanhol no Brasil e, por nossas salas de aulas passaram muitos alunos que hoje se destacam como professores de diferentes universidades, por todo o país.

Nossa entrada na Pós-graduação se deu no momento em que a professora Eurídice Figueiredo, então Coordenadora do programa, solicitou um projeto de criação da subárea de estudos hispânicos. Nossas pesquisas se encaixavam perfeitamente dentro das linhas do programa que, sobretudo na área dos estudos da francofonia, se destacavam no Brasil, com a forte presença de pesquisadores preocupados com a leitura dos textos das margens e de vozes não canônicas, neste caso, oriundas do Caribe Francês, do Magreb e das minorias do Canadá. Sem desprezar as literaturas das metrópoles, naturalmente.

Em nosso grupo de professores-pesquisadores da área de estudos hispânicos, trabalhávamos com Literatura Hispano-Americana, André Trouche, Suely Reis e eu. Com Literatura Espanhola Contemporânea, Magnólia Nascimento e a Espanhola, do século de ouro, sempre esteve nas mãos de Lygia Peres. Finalmente, Linguística aplicada, com Marcia Paraquett. Todos se afinavam com uma ou mais de uma linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Letras da UFF, naquele momento.

Na graduação, lecionei todas as disciplinas de Língua Espanhola, de I a VIII. Depois de alguns anos, finalmente, pude me dedicar somente às disciplinas de Literatura, minha especialidade. Liberada do ensino de Língua Espanhola, pude me concentrar nas três disciplinas de Literatura Hispano-Americana e uma de Matrizes Culturais e Literárias, todas obrigatórias no currículo que, a partir de 2005, foi reformulado.

Esta reformulação foi um trabalho feito junto com a Coordenação do Curso de Letras, que naquele momento, fazia uma reformulação geral do currículo. Minha contribuição, naturalmente, se deu no que diz respeito às

disciplinas de Literatura Hispano- Americana. As novas disciplinas, em lugar de privilegiar o estudo de autores, estilos de época ou os gêneros literários, como tem sido tradicionalmente ensinado nos currículos de literaturas, privilegiam os problemas que surgem no campo literário hispano-americano, suas tensões e permanência na literatura. Neste caso, uma das disciplinas está centrada nas questões de unidade e diversidade, outra na tensão entre tradição e modernidade, e outra nas questões entre a literatura urbana e tradição rural nas Américas. Rompendo o paradigma do estudo de autores, épocas e gênero, as disciplinas criadas a partir da problematização como linha mestra, ao final de três períodos possibilitam o estudo de autores, épocas e gêneros, de uma forma não sistemática e, ao mesmo tempo, capaz de dar conta de um grande arco temporal. Nossa forma de traduzir o campo literário da América Hispânica, nestas disciplinas, foi muito bem avaliado pela comissão do MEC e adotado em diferentes cursos de letras em universidades brasileiras

Durante todos os anos de trabalho no Instituto de Letras, participei de um grande número de comissões, grupos de trabalho, Colegiado do Curso de graduação, de Pós-graduação, de Especialização e, finalmente, Colegiado da Unidade, que por força do cargo de Diretora, presidi por 8 anos.

Na Pós-graduação, fomos responsáveis pela formação de toda uma geração de professores que hoje atua em universidades públicas e privadas e em escolas por todo o Brasil. Entre o ano 1998 e hoje, orientei 21 Dissertações de Mestrado, 11 Teses de Doutorado, 6 de Iniciação Científica e, atualmente, tenho 6 doutorandos com teses em andamento. Minha atuação em bancas internas e externas também tem relevância, nesta trajetória, pois a participação, sobretudo fora da UFF, ajuda a consolidar nossas relações com colegas de outras instituições, além de oferecer novos olhares e abordagens nos estudos de literatura e cultura. Participei de cerca de 85 bancas de Mestrado, Qualificação e Doutorado.

As atividades de editoração também merecem atenção. Um dos projetos de minha gestão, à frente do Instituto de Letras, foi o resgate do antigo Caderno de Letras, para obter uma melhora em sua avaliação no Qualis, e assim foi feito. Como editora e chefe da comissão editorial, fizemos uma repaginação mais moderna, nova capa, novo logo e mudamos as linhas

editorias, que passaram a contar com a arbitragem de pares e a seguir as normas da Capes. Logo na primeira avaliação, os Cadernos de Letras da UFF passaram a B1.

Também estive, por cerca de sete anos, no Conselho Editorial da revista Gragoatá, Qualis A1, revista do Programa de Pós-graduação em Letras. Ainda trabalhei por cinco anos no Conselho Editorial da EdUFF, editora de nossa Universidade, depois que deixei de ser sua diretora.

A demanda reprimida por cursos de Mestrado e, posteriormente Doutorado, em nossa área, era enorme, e nos anos que se seguiram formamos um grande número de mestres e doutores. Ou seja, esta foi uma grande contribuição do nosso trabalho na constituição de nossa área de estudos. A relevância do trabalho desenvolvido pela equipe e a formação desses alunos foi, sem dúvida, um marco do grupo de estudos hispânicos da UFF, do qual faço parte.

2.3 - Pesquisa

No ano 2000, quando todos já éramos doutores, a equipe de letras hispânicas da UFF, sob a coordenação de André Trouche e Mario González, professor de Literatura Espanhola da USP, e orientador de vários de nossos colegas, fundou a ABH, Associação Brasileira de Hispanistas, que congrega professores e pesquisadores das diferentes áreas do hispanismo brasileiro. A Associação, marco de referência nos estudos hispânicos no Brasil, se consolidou entre os professores e pesquisadores do hispanismo e, a cada dois anos, nos reunimos em grandes congressos, realizados em alguma universidade brasileira. Fiz parte da primeira diretoria da ABH, e editei os dois volumes dos anais do primeiro Congresso. Sem dúvida, o envolvimento com a associação foi uma importante contribuição para o desenvolvimento e consolidação da nossa área no Brasil. No plano pessoal, a ABH também consolidou a parceria acadêmica e afetiva que se estabeleceu entre os colegas da UFF, da USP e da Unesp de Assis, que se iniciara na USP, quando fazíamos o Doutorado. Todos somos fundadores da ABH.

Desde os primeiros anos de minha atividade como professora e pesquisadora na UFF, participei de congressos, encontros, seminários e

colóquios no Brasil e no exterior, além de ter publicado inúmeros artigos em revistas, anais de congressos, livros individuais e coletâneas. Minha produção, inicialmente, esteve voltada estritamente para a Literatura Hispano-Americana. A partir do Doutorado e do ingresso na Pós-graduação, pode-se perceber uma mudança sensível no percurso da minha linha de pesquisa, em direção à Literatura Comparada, uma vez que o meu olhar de professora brasileira, trabalhando com literatura estrangeira, passou a incorporar o Brasil e neste sentido, minha preocupação se voltou para os estudos da América Latina, entendendo-se também o Brasil. Creio que essa mudança foi fundamental para a relevância de meus trabalhos, ao fazer dialogar os dois lados do continente, isto é, o Brasil e a América Hispânica. Este tema traçou o perfil que tem tido minha carreira e meus escritos desde então.

Na década de 80, em uma conferência em Campinas, o crítico literário uruguaio, Angel Rama, expôs uma reflexão que, de certa maneira, traduzia o seu trabalho de latino-americanista e homem dedicado ao estudo das letras e da cultura. Essa ideia se resume à possibilidade de se construir, através do trabalho intelectual, "a aventura de um diálogo possível entre o Brasil e a América Hispânica" Rama dizia que colocar as literaturas de língua espanhola e de língua portuguesa em paralelo, já era algo tão novo que, "solamente hacer eso en América Latina es una aventura intelectual que quizá, sin demasía yo llamaría revolucionaria". A partir da leitura de Rama e da orientação amiga e generosa da professora chilena Ana Pizarro, forte influência em minhas escolhas teóricas, tenho incorporado aos meus estudos, e repassado aos meus alunos a necessidade de ler o continente, mesmo que fragmentado e diverso, como um todo, no qual incluímos o Brasil.

Outra forte influência que marcou as minhas escolhas teóricas foi nosso grande pensador Antônio Candido. Seus textos sempre propuseram leituras que abriam os estudos da literatura de uma forma que iluminava minhas próprias leituras, nas quais os textos deixam de ser essencialistas e se colocam em pleno diálogo com o mundo. A leitura de *Literatura e sociedade*, muito cedo me ajudou a construir essas ligações, que outras linhas e tendências teóricas não permitiam. Ao entender que o *externo* se torna *interno* e o que estamos analisando é simplesmente literatura, provocou

em mim o entendimento que proponho nos meus textos e em minhas aulas. Como dizia Cândido ” o elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros.

Minhas pesquisas, ao longo dos anos, delineiam uma clara linha que se vincula não apenas à linha de pesquisa na qual me incluo, *Literatura e vida cultural*, e mais recentemente renomeada, *Literatura, história e identidades culturais* mas, sobretudo, às linhas teóricas que conduziram minha vida acadêmica. No Mestrado, o trabalho com a literatura de ditadores na América Latina já apontava as preocupações que me acompanhariam ao longo do percurso. No Doutorado, a literatura feminina e as fronteiras entre a ficção e a história foram mais um passo no entendimento do continente, sua história e a representação do imaginário feminino, dito das margens. A partir do Doutorado, as vozes silenciadas e marginais foram privilegiadas no estudo da Literatura de testemunho, gênero híbrido, no meio do caminho entre a história de vida e a história. Neste gênero, as preocupações com a ética e a estética, entre o real e o ficcional, entre o narrador letrado e o informante iletrado e todas as complexas relações que surgem desses encontros, foram as reflexões que permearam meus estudos.

No projeto seguinte, trabalhei com o conceito teórico da transculturação, forjada pelo cubano Fernando Ortiz, que encontrou eco na teoria da transculturação narrativa, desenvolvida por Angel Rama, tão bem estudada nas narrativas regionalistas. A voz de Rama construiu um diálogo com o conceito de super-realismo de Antônio Candido, desenvolvido no texto *Literatura e subdesenvolvimento*, de 1975. A partir deste diálogo entre os dois críticos, Rama e Candido, no projeto seguinte, *Por uma aventura intelectual de Integração, diálogos e interlocuções*, trabalhei com momentos privilegiados das Literaturas Brasileira e Hispano-Americana nos quais esse diálogo entre intelectuais e escritores ocorreu de fato.

Naquele momento, a pesquisa já estava se encaminhando para um *corpus*, formado por ensaios e não mais por romances de ficção, e seguimos a mesma linha de pensamento, ao trabalhar com ensaios de identidade no Brasil e na América Hispânica. Este rico *corpus* propunha a leitura a partir de Rodó, com Ariel, passando pelos mais clássicos pensadores, como Fernando

Ortiz, Gilberto Freire, Mariátegui, Sergio Buarque, chegando a Rama, Candido, Silviano Santiago, Néstor García Canclini e Beatriz Sarlo entre outros.

O ensaio sobre as identidades, gênero tão visitado em todo o continente, deu lugar aos novos ensaístas que esgarçam a linguagem e o gênero, provocando uma ruptura e um gênero de fronteira, entre o ensaístico, o ficcional e o poético, como procuramos estudar nas pesquisas que se seguiram: *O ensaio do século XX, sentidos e fronteiras* e o seu prosseguimento natural, *O ensaio, para além das fronteiras*, que agora se inicia.

Em seguida, apresento uma lista dos projetos de pesquisa com os quais trabalhei. A partir de 2006, quando estes passaram a contar com o financiamento da bolsa PQ do CNPq, para efeito de clareza, serão reproduzidos aqui parte dos relatórios que foram submetidos à agência. Os três primeiros projetos listados, correspondem aos anos em que já atuava no Programa de Pós-graduação, e estão registrados na Pró-reitoria de pesquisa, mas não contava com financiamento do CNPq.

- Relações literárias e testemunho - 1998-2002
- Relações literárias e transculturação - 2002-2004
- Brasil e América Hispânica: diálogos e interlocuções - 2004-2007
- Para uma aventura intelectual de integração: Brasil e América Hispânica: diálogos e interlocuções - 2006-2009 - PQ-CNPq

Durante o triênio de vigência da bolsa PQ e do projeto **Uma aventura intelectual de integração, Brasil e América Hispânica, diálogos e conexões**, trabalhei na pesquisa, no ensino e na formação de mestrandos e doutorandos. Ao longo dos três anos, ministrei cursos com temas relacionados à pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF, publiquei 3 artigos, 2 capítulos de livros, organizei 7 revistas e/ou livros, orientei 9 Dissertações de Mestrado e 5 Teses de Doutorado, cuja produção e orientação encontram-se, devidamente, registradas no CV Lattes.

No momento, acabo de publicar o livro intitulado *Conversas ao sul*, Niterói: EdUFF 2009, composto de 15 ensaios dedicados ao tema da pesquisa, isto é, textos nos quais tento articular diálogos literários e culturais entre diferentes autores e/ou obras literárias do Brasil e da América Hispânica. Estas *Conversas ao sul* estão divididas em quatro partes: A memória imediata: testemunhos; Teoria entre culturas: transculturação; A necessidade de interlocução: diálogos; e Narrativas da modernidade tardia. Cada uma dessas partes, por um lado, expressa diferentes pontos de interesse, e por outro, monta uma cronologia de debates ao calor da hora das discussões intelectuais e artísticas, tanto no que diz respeito à área de estudos latino-americanos dentro do Brasil, quanto ao que se refere à recepção de demandas, lacunas, novidades e problemáticas surgidas ao longo desses anos, no contexto dos estudos de literatura e cultura, nesse espaço complexo e contraditório chamado América Latina.

Entre as demais publicações do período, ressalto o texto *Conversaciones al Sur*, publicado no n. 250 da *Revista Casa de las Américas*, de Cuba. Também vale a pena ressaltar a coorganização de dois livros, com as conferências apresentadas nos dois encontros da ABRALIC, no Rio de Janeiro.

Durante o triênio, tive atuação em inúmeras bancas de Mestrado e Doutorado, tanto na UFF, quanto em diferentes universidades, no Brasil. Participação em mesas-redondas em congressos, seminários e eventos acadêmicos, no Brasil e em diferentes países da América Latina. Entre estes, ressalto a minha participação como jurada do Prêmio Literário Casa de las Américas, em Cuba, em janeiro de 2008. O trabalho de 15 dias em Cuba foi riquíssimo, pois além de julgar as obras que concorriam, no meu caso, ensaios em Língua Portuguesa, participamos de um seminário com os demais jurados, todos eles importantes intelectuais de diferentes áreas de conhecimento e de diferentes países da América Latina.

A estada em Cuba também me deu a oportunidade de travar inúmeros contatos humanos e acadêmicos, com diferentes professores, poetas e escritores de variadas latitudes, entre eles o ensaísta e crítico literário cubano Roberto Fernández Retamar.

Ao longo do triênio, fui membro do Comitê de avaliação dos Cursos de Pós-Graduação da área de Letras e Linguística da CAPES, e membro da Comissão de Letras do ENADE-MEC.

Até o ano de 2006, estive na vice-presidência da ABRALIC e na direção da Editora da UFF (EdUFF), e de 2003 a 2010, estive na Direção do Instituto de Letras da UFF, ocasião em que coordenei uma série de projetos acadêmicos e de extensão ligados ao ensino de Letras.

No primeiro semestre de 2008, estive por dois meses em estágio de Pós-Doutorado na Universidad de Alcalá de Henares, Espanha, em uma viagem de pesquisa relacionada ao projeto. Na Espanha, além de poder dedicar-me inteiramente ao trabalho de pesquisa, na Biblioteca Nacional de Madrid, na Biblioteca da Universidad de Alcalá e no Instituto de Cooperación Iberoamericana, terminei de redigir e preparei os originais do livro *Conversas ao Sul: ensaios sobre literatura e cultura na América Latina*, lançado neste mesmo ano.

Nesse sentido, é importante destacar que atualmente, pesquisadores brasileiros que trabalham em linhas de pesquisas similares, já começam a produzir ensaios que visam a suprir o enorme vácuo existente em nosso país na área de estudos comparados de literatura e cultura latino-americana.

No momento, com o novo projeto, “O ensaio latino-americano do século XX”, além das atividades cotidianas de pesquisa e ensino, estou recolhendo material para publicar um livro sobre a presença do escritor e diplomata mexicano Alfonso Reyes no Brasil. Reyes, além de ser um dos mais importantes ensaístas do continente, como diplomata de seu país, viveu no Rio de Janeiro na década de 30, onde manteve uma fervilhante vida intelectual.

Toda a produção e atividades mencionadas são resultado de uma pesquisa, que tem como premissa metodológica as bases propostas pela Literatura Comparada, de viés contrastivo e crítico, desenvolvida em diferentes partes da América Latina. A própria natureza do projeto propõe um diálogo entre o campo literário e cultural brasileiro e o hispano-americano, no que diz respeito a obras literárias e ensaísticas, além de revisar a trajetória e militância intelectual de alguns escritores.

Neste sentido, este projeto procura, de alguma forma, retomar estudos feitos pelo crítico uruguaio Angel Rama e pela crítica chilena Ana Pizarro, além de seguir algumas pistas deixadas pelo brasileiro Antônio Candido. Esses autores, através dos debates editados nos livros *Hacia una historia de la literatura latinoamericana* e *Literatura latinoamericana como processo*, ambos organizados por Ana Pizarro, bem como a trilogia *América Latina, palavra, literatura e cultura*, também organizada pela professora chilena, apontam para o tipo de postura crítica que constrói um diálogo literário e cultural no qual se incorpora o Brasil, como parte de uma América Latina da qual muitas vezes se viu apartado.

Essa proposta, embora pareça natural e necessária, historicamente tem encontrado forte resistência de setores da crítica que ainda se mantêm ligados às questões das literaturas nacionais, sem se abrirem ao enorme e rico território que a Literatura Latino-Americana nos oferece como corpus de análise.

Todo trabalho crítico comparativo esbarra, naturalmente, em dificuldades de diversas ordens. Em primeiro lugar, a delimitação de nosso campo de estudo é bastante problemática. A própria noção de América Latina é resultado de uma visão francesa, baseada no conceito de línguas derivadas do latim, conceito que está atravessado de problemas complexos, como os sentidos de nação, de identidades nacionais, de geopolítica, para além das questões de ordem linguísticas.

Levar a cabo uma pesquisa que pretende abarcar um continente com toda sua diversidade significa, naturalmente, lidar com problemas que estão na própria raiz da heterogeneidade. Tais dificuldades são ultrapassadas, na medida em que sabemos que estamos construindo um *corpus* de análise baseado na noção de diálogos, o que implica uma forte matriz de propostas que pressupõem ligações e entendimentos críticos e teóricos que devem assumir, necessariamente, a postura comparatista.

Em outras palavras, a pesquisa caminha, apontando e construindo leituras de e sobre relações literárias e culturais que sempre existiram em nosso continente, mas que não chegaram a se constituir em prioridades para a nossa crítica. Desta maneira, buscar esses diálogos e construir essas pontes, trilhando os caminhos apontados pelos autores acima citados, é a

principal forma de contribuir para a constituição de um espaço literário e cultural que, de maneira contundente, inclua a produção brasileira, bem como a hispano-americana, contribuindo desta forma para um novo entendimento das questões que envolvem ambas as partes da América Latina: a lusófona e a hispânica.

Como trabalhamos com romances e com ensaios (novo projeto), estamos em constante revisão das metodologias utilizadas, pois enquanto os romances nos pedem um tipo de abordagem teórico-crítica, os ensaios por pensarem o seu próprio fazer, exigem outra metodologia de abordagem e novas categorias de análise.

Outra característica deste trabalho é que grande parte da pesquisa depende de material bibliográfico que, infelizmente, não se encontra disponível no Brasil, nem na internet, o que demanda frequentes viagens a países com acervos bibliográficos que atendam aos nossos objetivos. Neste sentido, a viagem à Espanha em 2008, foi de importância fundamental na constituição do corpus da pesquisa, bem como foram importantes outros encontros em 2009, no México e na Bolívia.

É notável observar que a pesquisa tem se transformado num elemento aglutinador, na medida em que a quase totalidade dos alunos envolvidos, tanto de PIBIC, quanto de Mestrado ou Doutorado, está se especializando em temas de ordem comparatista, o que me parece um grande logro no que diz respeito à formação de pesquisadores.

Finalmente, creio que apesar dos percalços, o projeto gerou uma série de produtos que colaboram, criticamente, para a leitura e reflexão do campo intelectual brasileiro em permanente cotejo com o hispano-americano.

- O ensaio latino americano do século XX: Identidades, diálogos e interlocuções - **2009-2012 PQ-CNPq**

Ao longo destes três anos em que trabalhei no projeto **O ensaio latino-americano: identidades, diálogos e conexões**, atingimos as metas a que nos propusemos: aprofundar o estudo das relações intelectuais e dos diálogos entre a produção ensaística produzida no Brasil e na América Hispânica, através do estudo sistemático dos ensaios marcados pela busca

da construção da identidade, temática recorrente entre escritores brasileiros e hispano-americanos. A abundância de textos focados no tema que integram o campo intelectual latino-americano, no século XX, nos leva a supor que existe, na verdade, uma compulsão pela temática da identidade, que pode ser percebida claramente nos textos estudados, e estes compõem um corpus que podemos chamar de textos fundadores da identidade no continente.

À medida que avançava na pesquisa, o diálogo que procuramos revelar se tornou mais rico e novas possibilidades de relações se fizeram visíveis.

Durante estes três anos ministrei cursos com temas relacionados à pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Publiquei artigos em diferentes revistas e/ou coletâneas, organizei o número 22 da *Revista Gragoatá*, Relações Latino-americanas, língua e literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF, e o número 38, Diálogos Interamericanos, do *Caderno de Letras*, do Instituto de Letras da UFF, em colaboração com a Profa. Eurídice Figueiredo. Em ambas as revistas, as temáticas propostas foram o diálogo e as conexões entre o Brasil e a América Hispânica, temática que tem perpassado meus projetos nos últimos anos. O trabalho de docente/orientador também foi contemplado através das inúmeras Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado orientadas no período. Também participei de eventos, colóquios, seminários, congressos e minicursos, no Brasil e no exterior(conf. Lattes).

Entre os trabalhos mais relevantes do triênio, está a publicação do livro *Conversas ao sul: ensaios sobre literatura e cultura na América Latina*, (Niterói: EdUFF, 2009), obra de ensaios em que procuro aprofundar a reflexão sobre diferentes aspectos da literatura e da cultura do Brasil e do mundo hispano-americano.

No decorrer de 2010, estive envolvida em um projeto maior, a presidência do comitê organizador das *IX Jornadas Andinas de Literatura Latino-Americana*, JALLA BRASIL 2010, que se realizou no Instituto de Letras da UFF, no mês de agosto. Este congresso, de abrangência internacional, teve como título: *América Latina, integração e interlocução*, tema diretamente ligado à proposta deste e de outros projetos de pesquisa anteriores, também financiados pelo CNPq. O congresso reuniu no Brasil

cerca de 900 intelectuais, oriundos de todas as regiões do país, bem como de diferentes países da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos. O evento construiu um verdadeiro espaço de debate e reflexão acerca dos diálogos culturais e literários na América Latina. Pela primeira vez organizado fora do mundo andino, o JALLA se configurou em um momento ímpar na interlocução intelectual entre os diferentes estratos e países que se propuseram a discutir o sul a partir do sul. Os textos apresentados no congresso foram organizados em dois CDs, com cerca de 700 comunicações. Este material está disponível no site www.jallaonline.org. As conferências plenárias foram editadas no livro *América Latina: integração e interlocução*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Santiago: Ed. Usach. 2011, em coautoria com a profa. Eurídice Figueiredo.

O projeto *O ensaio latino americano do Século XX* gerou um subprojeto: *Alfonso Reyes, o descobridor do Brasil*, que estou desenvolvendo com apoio da bolsa de Pesquisador de Nosso Estado da FAPERJ.

Seja na presidência do JALLA, nos ensaios, nos cursos proferidos, nas palestras e comunicações em congressos, toda a minha preocupação intelectual tem sido no sentido de consolidar a linha de pesquisa de estudos literários comparativos do Brasil como o mundo hispânico, subárea em franco crescimento, mas ainda incipiente em nosso país.

- O ensaio latino-americano do século XX, sentidos e fronteiras **2012-2015**, PQ-CNPq

Ao longo dos últimos três anos em que trabalhei no projeto **O ensaio latino-americano: sentidos e fronteiras**, procurei aprofundar o estudo das relações intelectuais e dos diálogos, entre a produção ensaística produzida no Brasil e na América Hispânica, através do estudo sistemático de ensaios que, de uma maneira ou de outra, apesar da sua forma rigorosamente ensaística, produzem textos em prosa, profundamente híbridos, se vistos a partir da perspectiva de gênero. Isso significa afirmar que os ensaios são alguma coisa a mais, um tipo de texto narrativo imbricado nas fronteiras, diferente daqueles estudados no triênio do projeto anterior, marcados pela busca da construção da identidade, temática recorrente entre escritores brasileiros e hispano-americanos.

À medida que avança a pesquisa, o diálogo que procuramos revelar se torna mais rico e novas possibilidades de relações se fazem visíveis.

Durante estes três últimos anos ministrei cursos com temas relacionados à pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. Publiquei artigos em diferentes revistas e/ou coletâneas, proferi palestras e conferências em eventos da área, organizei o livro *Uma suíte carioca, Alfonso Reyes e o Brasil*, resultado de um subprojeto sobre Alfonso Reyes e o Rio de Janeiro, financiado pela bolsa Cientista de Nosso Estado, da FAPERJ. O livro faz parte de uma coleção, organizada por mim, intitulada *Alfonso Reyes e o Brasil*, do qual também fazem parte *Alfonso Reyes, intérprete do Brasil*, de Angela Norte, sob minha supervisão e ainda outro volume, intitulado *Alfonso Reyes, cartas do Brasil*, em fase de organização e editoração.

Note-se que no desenvolvimento da pesquisa surgem diferentes projetos e subprojetos, que nos levam a estudos mais específicos, sempre ligados ao gênero ensaio e, por sua vez, relacionados a um eixo central, que tem sido sempre a busca de vestígios, e formas concretas de diálogos intelectuais entre o Brasil e a América Hispânica, temática que tem perpassado meus projetos de pesquisa nos últimos anos. O trabalho de docente/orientador também foi contemplado, através das Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado orientadas no período. Também participei de eventos, colóquios, seminários, congressos e minicursos, no Brasil e no exterior (conf. Lattes).

Além das atividades de pesquisa e de docência, entre os anos de 2003 e 2010 estive na Direção do Instituto de Letras da UFF e, a partir de 2011, estou na Diretoria de Relações Internacionais da Universidade Federal Fluminense.

- Conexões entre o Brasil e o México: Alfonso Reyes e o Rio de Janeiro
2009-2012- Cientista de nosso Estado, FAPERJ.

O projeto *O ensaio latino americano do Século XX, identidades e interlocuções* gerou um subprojeto: **Alfonso Reyes, o descobridor do Brasil**, que foi desenvolvido em paralelo com o projeto do CNPq, neste caso com o apoio da bolsa de Pesquisador de Nosso Estado, da FAPERJ.

- O ensaio latino-americano do século XX: para além das fronteiras.

2015 -2018 –PQ-CNPq

Este projeto, recentemente aprovado pelo comitê da área de Letras e Linguística do CNPq, é uma continuação dos projetos anteriores. Nele tentaremos ir mais adiante na tarefa crítica de ler a produção ensaística da América Latina, em constante produção e revolução, aproximando-a de outros gêneros, como o romance e a poesia.

4.3 - Produção relevante

24 anos de trabalho dedicados à área de literatura, na universidade, naturalmente, produziram um grande número de textos. Meu currículo Lattes apresenta cerca de 45 artigos, livros organizados, coletâneas e livro individual.

Naturalmente, não vou comentar todos. Vou escolher alguns que me parecem mais relevantes, que melhor descrevem meu pensamento, trajetória e contribuição para a área de estudos.

Começo pelo meu livro individual.

Conversas ao Sul, ensaios sobre literatura e cultura, Niterói: EdUFF, 2009.

Em 15 artigos, o livro apresenta um amplo painel de minhas preocupações e inquietações teóricas e literárias, uma contribuição para o pensamento da literatura e da cultura latino-americana, a partir do olhar de uma pesquisadora brasileira. Os textos estão divididos em quatro grupos: A memória imediata: testemunhos; Teoria entre culturas: transculturação; A necessidade de interlocução: diálogos e Narrativas da modernidade tardia. Este livro foi o resultado do trabalho em diferentes pesquisas, e parte do Pós-doutorado, na Universidade do Chile, sob a orientação de Ana Pizarro.

Em seguida, merecem destaque livros que organizei, nos quais tenho ou não artigos.

Uma suíte carioca, Alfonso Reyes e o Brasil, Rio de Janeiro :7 Letras/ FAPERJ, 2013.

O livro é uma coletânea de 10 artigos de diferentes autores, brasileiros e mexicanos. Sou organizadora e autora do texto Cartas cariocas, além da apresentação. Este é o único livro editado no Brasil que, em diferentes artigos, investiga a presença do escritor e embaixador mexicano nos anos em que viveu em nosso país, na década de 30, e a importância que sua presença teve para as relações entre o Brasil e o México àquela época. É um dos resultados da pesquisa sobre *Alfonso Reyes e o Brasil*, desenvolvida com auxílio da bolsa Cientista de nosso estado, da FAPERJ.

América latina, integração e interlocução. Rio de Janeiro: 7Letras/ CNPq/ Ed. USACH. 2011. Organizado em parceria com Eurídice Figueiredo, é a publicação das conferências realizadas no âmbito do congresso JALLA – BRASIL- 2012. Contém artigos de importantes ensaístas brasileiros e hispânicos, como Silvano Santiago, Hugo Achugar, Ana Pizarro, Eneida Maria de Souza, Mabel Moraña, Guillermo Mariaca, Raul Bueno, entre outros. É importante ressaltar que todos esses grandes estudiosos da literatura e da cultura da América Latina estiveram presentes no JALLA 2010.

Dom Quixote, utopias, Niterói, EdUFF, 2005, organizado em parceria com André Trouche.

Este livro foi dedicado à celebração do quarto centenário da publicação da obra *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, e contém os textos de inúmeros especialistas e pesquisadores da obra do genial escritor, apresentados no Seminário Dom Quixote Utopias, realizado no Instituto de Letras da UFF, em setembro de 2005. Marca o fim de uma linda história de amizade e parceria, pois entre a realização do seminário, em setembro, e o lançamento do livro, em dezembro, o meu parceiro e co-organizador André Trouche, faleceu, deixando-nos a todos um pouco órfãos e saudosos de sua presença, de seu carinho e de sua inteligência.

Cadernos de Letras-UFF n. 38. Diálogos Interamericanos. Niterói: Instituto de Letras-UFF, 1999.

Volume organizado em coautoria com Eurídice Figueiredo. Conforme aponta o título deste número, em 16 artigos, apresentamos resenhas e entrevistas, de diferentes autores, especialistas que buscam revelar o diálogo entre os projetos criadores e o campo cultural brasileiro e hispano-americano. O texto que abre o volume intitula-se Mário, Oswald e Carlos, interpretes do Brasil, de autoria de Silvano Santiago. Neste volume, além do texto de apresentação, publiquei uma entrevista com a professora Ana Pizarro, intitulada O intelectual e a pós-modernidade.

Gragoatá 22, Relações literárias latino-americanas: língua e literatura.

Niterói: EdUFF. jul/dez de 1996.

Revista editada no primeiro semestre de 2007, organizada em parceria com Eurídice Figueiredo. Seguindo a minha linha de pesquisa e produção, na qual busco diálogos comparatistas entre as duas partes do continente, este volume da *Revista Gragoatá* foi organizado em torno do eixo principal das relações língua e cultura. O volume inaugura-se com um importante texto de Walter Mignolo, intitulado *Epistemic disobedience: the de-colonia option and the meaning of identity in politics*. Também apresenta importantes contribuições de ensaístas brasileiros e hispano-americanos.

Lugares dos discursos, o local, o regional, o nacional, o internacional, o planetário, Niterói, EdUFF, 2006.

Organizado em parceria com o Professor José Luis Jobim et alii, traz as conferências foram proferidas no X Congresso da ABRALIC, realizado no Rio de Janeiro, em 2005. O volume reúne textos de diferentes ensaístas brasileiros e estrangeiros, entre eles, destaca-se o professor alemão Hans Ulrich Gumbrecht.

Fronteiras do literário II. Niterói, EdUFF, 2002, organizado em parceria com Marcia Paraquett.

O livro reúne 18 ensaios de diferentes autores, sempre colocando a tensão entre a literatura e outras formas do saber. Los limites del discurso literário, do argentino Mempo Giardinetti abre o volume, e conduz as

indagações que permeiam os demais textos. Foi organizado a partir das palestras e conferências apresentadas no III Seminário Fronteiras do literário, realizado no Instituto de Letras da UFF, em 1999.

Hispanismo 2000, editado pela ABH e Ministerio de Educación, Cultura y Deporte da Espanha, em 2001, organizado por mim, em parceria com André Trouche. Os dois volumes trazem uma seleção dos textos apresentados no I congresso da ABH, realizado no ano 2000, na UFF, evento de fundação da mesma Associação.

Mulher e literatura, Niterói, EdUFF, 1999, organizado em coautoria com Maria Bernadette Porto e Lucia Helena Viana. Os dois volumes apresentam, ainda hoje, um amplo estado da arte sobre os estudos feministas e sobre literatura de autoria feminina no Brasil.

Fronteiras do literário. Niterói: EdUFF, 1997. A investigação proposta por este livro acabou por ser a principal razão da criação dos Seminários Fronteiras do Literário, que foram realizados no Instituto de Letras da UFF. A literatura, as margens e suas complexas relações com o cânone, são o eixo que percorre os ensaios.

Textos publicados em revistas e coletâneas.

Transculturação e Transculturação narrativa.

Texto publicado no livro *Conceitos de literatura e cultura*, organizado por Eurídice Figueiredo, Niterói: Eduff, 2010. O texto discute e problematiza os conceitos de transculturação e transculturação narrativa, forjados respectivamente por Fernando Ortiz e Angel Rama. Este texto e a obra na qual está inserido são referências na área de estudos culturais e literários no Brasil. A obra é o resultado de pesquisa realizada no GT da Anpoll: Relações literárias interamericanas.

O Haiti é aqui, mar sem fronteiras

Publicado no livro *Relações literárias interamericanas, território e cultura*, organizado por Silvina Carrizo e Jovita Noronha. A obra é resultado da pesquisa do GT da Anpoll, Relações Literárias Interamericanas e constitui uma boa coletânea, que abarca a vasta produção literária e cultural nas Américas. Meu texto trabalha com a relação violência e cultura, a partir da análise da canção O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui, de Cetano Veloso e Gilberto Gil.

Cânone, tradição e traição

O caso do testemunho jornalístico é uma análise sobre o subgênero testemunho jornalístico. O corpus analisado são dois romances, um brasileiro, *Araceli, meu amor*, de José Louzeiro, e *Catamarca*, da argentina Norma Morandini. Além deste artigo, o livro organizado por mim, com a colaboração de Marcia Paraquett, apresenta excelentes artigos sobre os limites da literatura e da linguagem, de autoria de Mempo Giardinelli, Claudia Mattos e Laura Padilha, entre outros.

Ditador

Uma reflexão sobre a presença dos ditadores na Literatura Hispano-Americana. O texto foi publicado no *Dicionário de figuras e mitos literários*, organizado por Zilá Bernd, Porto Alegre, Tomo Editorial/ Editora da UFRGS, 2007.

Reflexões sobre ficção e testemunho

Este texto está publicado no livro *Mulher e literatura*, Niterói, EdUFF, 1999, organizado em coautoria com Maria Bernadette Porto e Lucia Helena Viana. Os dois volumes apresentam, ainda hoje, um amplo estado da arte sobre os estudos feministas e sobre literatura de autoria feminina no Brasil.

O testemunho como construção da memória

Texto publicado no livro *Hispanismo 2000*, editado pela ABH e Ministerio de Educación, Cultura y Deporte da Espanha, em 2001, organizado por mim, em parceria com André Trouche. Os dois volumes da obra trazem

uma seleção dos textos apresentados no I congresso da ABH, realizado no ano 2000, na UFF, evento de fundação da mesma Associação.

Conversaciones al Sur publicado no n. 250 da *Revista Casa de las Américas*, de Cuba.2009.

3 - A gestora

A partir do item 3, o relato deste memorial vai se dedicar aos fatos relativos à minha carreira de gestora, no ensino superior. Esta faceta na qual estou envolvida há 12 anos, ou seja, metade do tempo em que estou na UFF, surgiu sem um projeto específico, ao tornar-me Diretora do Instituto de Letras, em 2003. No entanto, mesmo que muito diferente dos estudos literários e da formação de professores, o trabalho me entusiasmou, com tantos novos desafios. Hoje, a gestão universitária tem uma grande importância na minha trajetória profissional.

3.1- Instituto de Letras e EdUFF

Em julho de 2003, uma nova guinada na vida acadêmica: fui eleita Diretora do Instituto de Letras e, a partir desta data, meu tempo, minha emoção, minha energia e meu trabalho passaram a ser divididos entre o ensino e a pesquisa na área da literatura, e a gestão universitária.

Nunca deixei de dar aulas na Pós-graduação, de orientar, de escrever e publicar, apesar do envolvimento que o trabalho de gestão exige. O dia necessita de mais horas, para que seja possível o envolvimento sem culpa, com ambos os trabalhos, de natureza tão distinta. Acredito que todos devem ter algum cargo de gestão, em algum momento na vida acadêmica. Ele permite conhecer e entender a universidade, o sistema universitário brasileiro e as políticas públicas de nossa área, além de conhecer melhor as agências de fomento. Desde a primeira gestão, com Mario Lugarinho como vice-diretor, dedicamos muito tempo e energia a algumas prioridades. A primeira

delas foi construir uma gestão voltada ao diálogo com a comunidade acadêmica, alunos, professores e técnicos. Outra meta foi modernizar o Instituto de Letras, implantando laboratórios de informática, internet wi-fi, ar refrigerado, novo mobiliário, TVs e data-show em todas as salas. Outra ainda, a reestruturação do *Caderno de Letras*, periódico mais antigo do Instituto, voltado para a produção local de professores e alunos, que se encontrava mal avaliado pelo sistema Qualis, da Capes. Mais importante e vital entre todos os projetos, foi a reconstituição do quadro docente do Instituto, que na época estava com quase 40% de professores substitutos, o que a curto prazo impossibilitaria as atividades mais corriqueiras.

Em 2003, as universidades federais vinham de vários períodos de abandono, por parte dos sucessivos governos instalados em Brasília. As verbas eram insuficientes, não havia reposição para professores aposentados ou falecidos, e uma equação na regra de professor equivalente, do MEC que, na área de Letras, se mostrava extremamente perversa. Enfim, estávamos à beira do caos, e a privatização de nossas atividades parecia eminente, em um momento em que surgiam cursos pagos em diferentes áreas da universidade, na tentativa de conseguir financiamento para remediar tamanhas dificuldades.

Durante a primeira gestão, fomos inventando, usando a criatividade para driblar as dificuldades que não eram eventuais ou pontuais, e sim conjunturais. Em 2006, fui convidada para dirigir a EdUFF, a editora universitária, cargo que me encantou e no qual permaneci apenas por um ano, sem abandonar a Direção do Instituto. O trabalho na EdUFF, além da formação acadêmica, exige um certo perfil de livreiro e de business, que fui aprendendo com rapidez e interesse. No meu curto mandato, mantivemos todos os planos de publicação que já estavam em andamento e, na área específica de estudos de literatura, publicamos duas obras importantes. A tradução para o português de *O sul e os trópicos, ensaios sobre literatura e cultura*, de Ana Pizarro e *América, história e ficção*, obra póstuma de André Trouche. Também lançamos mais uma tiragem do livro *Conceitos de literatura e cultura*, organizado por Eurídice Figueiredo.

Em 2006, fui, pela primeira vez, contemplada com a bolsa de produtividade e pesquisa PQ, do CNPq. A bolsa não é um prêmio, e sim um

reconhecimento ao trabalho de pesquisador e professor formador, e fez com que eu redobrasse meu compromisso com a pesquisa, orientações e ensino na Pós-graduação. Em 2007, fui reeleita para mais um mandato de quatro anos, desta vez acompanhada de Jussara Abraçado, como vice-diretora. A partir deste momento, as políticas públicas com relação às Universidades Federais começariam a mudar, sobretudo a partir do grande projeto do Governo Federal, o REUNI, em 2006.

Creio que o REUNI foi o divisor de águas nos caminhos da educação pública, nas últimas décadas, no Brasil. Naturalmente, existem muitas críticas e inúmeros problemas mas, sem dúvida, este foi o mais importante projeto de expansão e inclusão universitária já praticado em nossas universidades. O REUNI significou a chance de acesso de milhares de estudantes ao ensino universitário federal, por todo o país. O Instituto de Letras foi salvo de sua falência anunciada pela falta de professores, no momento em que aderimos ao REUNI. Tivemos um crescimento de 20%, no oferecimento de novas vagas e conseguimos recompor o nosso quadro de professores, que se estabilizou. Dentro do Instituto, com a vice-diretora Jussara Abraçado, conduzi e liderei os debates e conseguimos mostrar à comunidade acadêmica a importância do projeto para nosso Instituto, para sua sobrevivência no presente, e para assegurar os projetos futuros. O embate não foi fácil, mas, de maneira geral, salvo poucas exceções, a comunidade de Letras apoiou o REUNI.

Mais complicada foi a aprovação na UFF, no Conselho Universitário, no qual os diretores das Unidades acadêmicas têm assento. O momento foi de acirrado debate político, muitas agressões e pressões por todos os lados. A forte politização do projeto apresentado pelo MEC induziu à polarização das opiniões e à desconfiança de antigos parceiros. Foram momentos tensos, de muito debate. O que estava em jogo era: que projeto de universidade queríamos? Naturalmente não tínhamos o mesmo projeto, queríamos universidades diferentes, e tudo isso faz parte do jogo democrático. Afinal, a UFF conseguiu aprovar o REUNI, conseguimos juntar nossas diferenças, aparar nossas arestas e os anos seguintes pareciam de mais tranquilidade, com o campus repleto de obras.

3.2 - Educação à distância

Em 2009, já na metade do segundo e último mandato na direção do Instituto de Letras, outro grande projeto bateu a minha porta. O convite veio do CEDERJ/ UAB/ CAPES para criar o primeiro Curso de Letras, à distância, público, no Estado do Rio de Janeiro. O entusiasmo pelos grandes desafios sempre fez parte da minha vida e este seria mais um. Mas eu não tinha ideia do tamanho da tarefa.

A ideia da educação à distância sempre me seduziu, embora nunca tivesse trabalhando na área. Dentro da minha ética e de meu comprometimento com a universidade pública, os cursos à distância são a solução para um país enorme como o nosso; eles são a possibilidade de oferecer cursos universitários de qualidade para um grande número de estudantes que, por diferentes razões, não puderam ou não tiveram a chance de frequentar um curso presencial. No caso das licenciaturas, essa importância é ainda maior, pois sabemos da carência de professores bem formados Brasil afora. A distância não pode significar barateamento nem simplificação e esse foi o objetivo primeiro de nosso curso: oferecer o melhor curso, produzido e coordenado por professores doutores do Instituto de Letras da UFF. Como efeito positivo colateral, ainda foi aumentada a oferta de trabalho para os estudantes da área de letras, que podem atuar como tutores.

Montamos uma equipe de especialistas das diferentes áreas, todos professores doutores do Instituto de Letras e nos dispusemos a escrever o projeto, de criação de um Curso de Licenciatura em Letras completo, com ementas, programas e bibliografias. Foram seis meses de trabalho com a equipe, de que resultou um belo projeto: um novo Curso de Letras em que tentamos corrigir os problemas detectados em nosso curso presencial.

Mas as dificuldades ainda estavam por vir. Depois de inúmeros debates na apresentação do projeto para professores, alunos, e a comunidade em geral, um grupo de professores e alunos do Instituto se colocou contra o projeto, e lutou ferozmente contra sua aprovação, por razões que não cabem agora discutir. Foi outro momento de tensão, mas de grande importância na minha carreira de gestora da área de Letras, ter

conseguido juntar as forças positivas, aprovar o projeto, começar a produção das aulas e a implantação do curso. Com a ajuda da colega professora Maria Lucia Wiltshire, vice-coordenadora do curso, de Adriana Maciel, coordenadora de tutoria, e de toda nossa equipe de professores, coordenadores e tutores, o curso já está no sétimo semestre, faltando muito pouco para ser totalmente implantado. Estamos em seis polos no interior do Estado do Rio e temos tantos alunos no curso à distância quanto no presencial. Este curso é a grande inovação na formação de professores na área de Letras em nosso Estado. Inovação, com inclusão.

3.3 - Diretoria de Relações Internacionais e PULE

Em 2010, poucos meses antes do término do mandato de Diretora do Instituto de Letras, fui convidada pelo então Reitor, Professor Roberto Salles, a assumir, no seu segundo mandato, o cargo de Assessora para Assuntos Internacionais, que naquele momento necessitava de uma total reformulação, para acompanhar os novos ventos que sopravam na direção da internacionalização do ensino superior. Junto com Adriana Maciel, minha parceira nos caminhos da administração, aceitei o desafio.

A Diretoria de Relações Internacionais foi uma grande oportunidade para dar continuidade a minha carreira de gestora, associada a experiência da área de Letras. Vinha de um período de dois mandatos, à frente do Instituto de Letras, minha vida de pesquisadora estava bem relacionada com universidades do exterior, e a área de letras estrangeiras, de onde venho, também me fornecia o suporte necessário para fazer as mudanças que fizemos, colocando a UFF em patamares mais altos, entre seus pares no Brasil e no exterior. A Assessoria Internacional me deu a chance de integrar todas as linhas nas quais minha carreira vinha se desenvolvendo.

O primeiro projeto que lançou a AAI-UFF, no novo universo, foi a criação e a liderança de uma rede de universidades dos quatro países do Mercosul, através do projeto Mercosul Língua e Cultura, financiado com recursos da União Europeia. A UFF foi a única universidade brasileira contemplada com 100.000 euros, e o projeto nos deu uma grande visibilidade e novos parceiros no Brasil e nos países do Mercosul.

Outro aspecto relevante, na minha gestão, tem sido incentivar a institucionalização da internacionalização de nossos docentes, para que eles tragam para os seus cursos e programas as relações internacionais que construíram em suas carreiras. Isto significa convênios sustentáveis com trabalhos, publicações e financiamento conjunto.

A mobilidade de graduação também tem sido uma área na qual temos avançado com sucesso. Temos vários programas de mobilidade acadêmica para alunos de graduação, e muitos deles com oferecimento de bolsas pela própria universidade. Nossa gestão tem a preocupação de trabalhar no eixo internacionalização com inclusão social, o que permite aos bons alunos de baixa renda um período de mobilidade em alguma universidade parceira, com bolsa.

O mais ousado entre os projetos da DRI foi a criação do PULE, Programa de Universalização de Línguas Estrangeiras. Este projeto acadêmico de extensão, em parceria com o Instituto de Letras e o Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, GLE, oferece cursos de línguas estrangeiras, grátis, aos estudantes da UFF em situação economicamente vulnerável. O PULE articula professores do GLE como coordenadores, e os bons alunos das línguas estrangeiras trabalham como tutores, aumentando assim a prática docente e abrindo novas frentes de trabalho. Como sabemos que o domínio da língua estrangeira é um dos principais problemas, na internacionalização dos alunos das universidades públicas, este projeto vem obtendo muito sucesso e hoje trabalha em articulação com o Idioma sem Fronteiras, programa de ensino de Línguas estrangeiras, lançado em 2012, pelo Governo Federal e também vinculado à Diretoria, agora renomeada Superintendência de Relações Internacionais. Todos os projetos da SRI-UFF estão em consonância com o movimento de internacionalização que atravessa a universidade no Brasil.

O Governo Federal vem envidando um grande esforço, seja através dos inúmeros editais abertos a docentes de diferentes áreas, seja através da avaliação dos cursos de pós, na qual a internacionalização passou a ser um item de avaliação, seja nas oportunidades de bolsas para o exterior para alunos de pós-graduação e de graduação, seja na criação de cursos de idiomas, como Idiomas sem fronteiras, ou ainda no mais ambicioso projeto, o

Ciência sem Fronteiras, que nos últimos 3 anos enviou 100.000 estudantes e docentes, das áreas de ciências exatas e da terra, para o exterior.

No caso da UFF, outro projeto do qual temos muito orgulho, realizado em parceria com o Instituto de Letras, é o resgate da área de Português para Estrangeiros do Instituto de Letras. Essa área de pesquisa é antiga e muito respeitada e a UFF foi uma das primeiras universidades do Brasil a criar a área. Hoje, além da área de pesquisa na graduação e na pós-graduação, o PLE, em parceria com a SRI, oferece cursos de português para os cerca de 400 alunos estrangeiros que todos os anos passam um semestre em nossa Universidade.

Nos últimos quatro anos, a Assessoria de Relações Internacionais (AAI), na qual começamos em 2010, se tornou Diretoria de Relações Internacionais (DRI) e, mais recentemente, Superintendência de Relações Internacionais (SRI). A mudança de nome não é meramente formal, mas sim um gesto de inserir a área das relações internacionais na estrutura da Universidade, composta por pró-reitorias e superintendências. Lugar que na prática já existia, mas que carecia do nome.

O trabalho à frente da Superintendência de Relações Internacionais e as diferentes frentes que abrimos, junto com toda a equipe e, sobretudo, no ensino de línguas estrangeiras, são o exemplo de como a vida da gestora e da acadêmica podem andar juntas, uma alimentando a outra e compartilhando os saberes adquiridos em ambas.

4 - Uma história inacabada

Chegando ao final deste Memorial, espero ter colocado no relato os fatos e momentos relevantes de uma carreira acadêmica vivida na Universidade. Na verdade, esses relatos contam de nossa vida, somos os protagonistas, e também contam muito da Instituição na qual trabalhamos, palco desta vida contada. De certa forma, estamos relatando a nossa história e história da instituição, sob determinado ponto de vista, durante o período em que nela atuamos, portanto a história é inacabada. Não temos conclusões ou epílogo.

Na UFF, construí minha carreira e nela pretendo encerrá-la. Muitos dos colegas com quem convivi e compartilhei durante esses anos foram essenciais para o meu desenvolvimento como professora e como pessoa. Assistir e participar do crescimento profissional de tantos jovens é gratificante, nos mostra a cada dia a importância de nosso trabalho. Crescemos junto com eles.

Pesquisar, escrever e deixar o nosso pensamento registrado de uma maneira mais formal é outro momento de alegria, quando vemos publicados nossos livros e artigos.

Por fim, me alegra e me orgulha poder, efetivamente, colaborar para o crescimento e fortalecimento acadêmico da Instituição que me recebeu, me apoiou e me ajudou a construir a carreira que estou relatando neste Memorial. Nos fortalecemos mutuamente.

Todas as noites em que conto histórias para minha neta, nós duas somos somente a avó e a menina, as protagonistas. Essa é uma forma de, a cada dia que passamos juntas, escrevermos mais um capítulo de nossa história, momento em que reforçarmos nossos laços de afeto e cumplicidade. Através das nossas histórias, prolongamos nossa convivência na memória de cada uma.

Sinto que o final de um Memorial é, de uma certa forma, como a história que escrevemos todas as noites, eu e minha neta... sou a protagonista de uma história que, felizmente, não acabou.

A vida acadêmica, a vida pessoal, os afetos, as escolhas e o que ficou na memória são a nossa vida, o que somos, como nos constituímos. São o que há de melhor em nós. Chegar ao fim desta narrativa me emociona, olhar para trás e ver tanta estrada percorrida, chega a assustar. Faltam tantas coisas a fazer, não me falta entusiasmo. Não sei se vai faltar tempo...

Olho minha biblioteca e me pergunto se terei tempo de ler tudo o que ainda falta para ler. Na próxima semana começam as aulas e o ciclo recomeça mais uma vez.

Niterói, fevereiro de 2015